

16. 592-1 11 2

# A NOVIDADE

Folha critica, litteraria e recreativa

PROPRIEDADE E REDACÇÃO

B. C. DE FARIA E J. P. MACHADO

N. 1

Janeiro de 1883

ANNO I



## PRIMEIRO PASSO.

*Tudo que chega a velho já foi novo.*

A **Novidade** d'esta folha está n'ella ser nova, e dedicada ás moças novas.

Nosso desejo é que este pedacinho de papel de tão lindas côres..... côres que symbolisão os nossos mais ternos pensamentos, e, que representão as nossas illusões, as mais fagueiras seja o amigo constante, a *teteiasinha* das lindas moças fluminenses.

Conseguiremos o nosso fim ?

Talvez estejamos illudidos, porem, o conceito que temos formado sobre o character d'essas lindas flores que representão o *sexo-bello* da nossa sociedade, faz-nos crer que sua collaboração, e seu apoio a esta *Novidade* não nos será negado.

Contando pois com o bom acolhimento que nos dispensarão, veremos realizadas as nossas aspirações.

— «:» —

## O Nosso Titulo

Cá por certas *razões* mudamos o titulo de *Mascotte* para *Novidade*, esta será entregue aos Snrs. e Snras. assignantes que tenham recibos até o n. 80 ..... bem entendido que *confirão os nomes e letra com o talão cá da casa e .....* temos concluido.

— «:» —

## PROMETTERAO-NOS

E agradecemos a collaboração dos nossos amigos :

João Paes Leme da Costa e Luiz Nobrega, esperamos que com a collaboração d'estes dois talentosos moços, a nossa *Novidade* se torne mais distincta e agradável.

## A VIRGEM LIBERDADE

A RAPHAEL DE MENEZES

Figurai, leitora, que tendes diante de vossos bellos olhos uma virgem que como vós tem cabellos louros e olhos azues ; que tambem como vós tsm a beleza Andaluza decantada pelos poetas ; que como vós ainda, possui uma mão delicada, uns braços torneados e um coração que palpita.

Olhai bem, leitora amavel : o que vedes naquelles braços de deusa ? o que vedes naquella fronte angelica ? e o que vedes, enfim, naquelles olhos azues ? Lagos mansos onde voga a gaivota.

Os braços que deviam ser cingidos pelas pulseiras, são agrilhoados pelas correntes.

A fronte que devia trazer o diadema da gloria, é cercada pela coroa de espinhos.

Dos olhos, onde Cupido fizera e ninho, escorrem lagrimas sentidas, como as que derrama a rola ferida pelo caçador dizendo adeus ao companheiro. O lago azul sem vagas onde a gaivota voa tranquilla, tambem é acoutado pelo vendaval. Quando elle grassa as ondas bramem mas quando elle acaba de passar a gaivota morta boia entre as espumas na superficie tranquilla das aguas.

Gonheceis, sympathica leitora essa virgem ?

Não. Ella nem de longe, é estrangeira.

Nasceu na França, ouvindo a marseilheza e vendo o Sena deslizar sorrindo, levando em sua caudalosa corrente para o oceano, o nome glorioso dos heróes.

Nasceu n'America do norte, na guerra da Independencia.

Ouviu o troar dos canhões que assignalavam o combate ; ouviu o tinir das espadas, o rufar dos tambores e o soar da corneta,

Viu no ardor do combate, Washington com a espada nua e ensanguentada ; viu o soldado ferido pela bala. cahir, revolver-se no sangue do inimigo, mas saudar morrendo a Independencia ; viu as bandeiras erriçadas e despedaçadas pela metralha, abaixarem-se para depois se regnerem tinctas do sangue dos guerreiros.



ros, porém victoriosas; viu, em fim, a aguia que voava altaneira por cima do combate, ferida ir morrer s'estorcendo aos pés do soldado.

Essa virgem, curiosa leitora, é filha dos povos que se adiantam no caminho da civilização, e a irmã de um anjo filho das gerações gloriosas.

O anjo, leitora, se chama progresso.  
E a virgem Liberdade.

M. SIER.

—( : )—  
VIRGEM LOIRA

Dai-me por Deus, virgem loira  
Um sorriso todo em flôr  
Um sorriso que traduza  
Que traduza, santo amor.

Virgem bella de minh'alma  
Não me mates com teus olhos.  
Não me embriagues com elles  
Virgem loira de meus sonhos.

Virgem loira de meus sonhos  
Terno enlevo de minh'alma  
Porque me matas assim,  
Com essa tua meiga calma.

Virgem loira de meus sonhos  
De meus sonhos de fulgor  
Deixa amar-te murmurando  
—M'ã LALI meu doce amor.

Rio, 1882.

J. PAES LEME DA COSTA.

—( : )—  
O CASAMENTO

Uns colleccionam pensamentos sobre o amor; nós sobre o casamento.

Casar já é chapa em nossa terra, e por isso é justo que façamos o casamento conhecido de todos.

Em cada número os lossos leitores terão 5 definições do dito. Agarrem a que lhes parecer melhor, e depois casem-se.

Lá vão:

I

O casamento—muitas vezes é a morte da alma.

J. PAES LEME DA COSTA.

II

O casamento é o pesadello do amor.

C. TAVARES.

III

O casamento é um laço em que o namorado cahe embriagado na taça do amor.

J. A. GOMES.

IV

Se com o casamento desaparecessem as sogras, eu já estaria casado.

B. FARIA.

V

O casamento é um templo, no qual o sacerdote é o homem; a virgem que se adora, a mulher e os objectos sagrados, os filhos.

JOAO DE PINO.

—( : )—  
SEPARAÇÃO

Hélas! nous n'avons pas juré de vivre ensembles.

Mais nous avons promis de nous aimer toujours.

J. DE RESSÉGNIER.

E' noite, brilham os astros  
No espaço immenso dos céus,  
E no amor a alma enlevada,  
Eu venho dizer-te adeus.

Adeus oh! flôr é chegado  
O momento da partida  
Sôa para mim mais funesta,  
A hora da despedida.

Vejo oh! bella um novo encanto,  
Um sentir mais puro e santo  
Da tua face o palôr.

E de minh'alma aos anhelos  
Rolou de teus olhos bellos,  
Uma lagrima de amor.

J. PAES LEME DA COSTA.

—( : )—  
A ERNESTO SENNA

A saia, curta suspensa  
Na cinturinha garbosa  
Deixa ver a côr intensa  
De sua perna formosa.

Ella caminha e já pensa  
Ir toda faceira, airosa  
E parece ter a crença  
De ser aldeã mimosa

E seus sonhos predilectos  
São de magia replectos  
Tem uma grata poesia

Mas o camponio d'aldêa  
Dos olhos della receia  
Quando a vê a luz do dia.

SILVO DE LA TOUR.



## CUMULOS

Do crime — Matar o tempo.

Do equilibrio.—Suster o dito.

Da força de um governo fraco—Levantar a sessão.

Do abolicionismo.—Dar liberdade a uma noite negra.

Do systema metrico. — Esmagar um pé quadrado.

Da ligeiresa.—Ligar o nome á pessoa.

Da gravidez. — Dar á luz a uma polka quadrilha ou valsa.

Da arte musical. — Organisar um concerto n'um vestido.

—(;)—

Por ti eu sou capaz, minha querida.

De me atirar ao mar.

A ir colher a perola mais bella

Para em tuas negras tranças engastar

E eu e tu abraçados, a florestas,

A' sombra das palmeiras

Iriamos cantar de nova vida ?

As illusões primeiras

Eu a teu collo humido encostado

A' tua boca á minha boca unida

Esquecidos de tudo

Das paixões e das magoas desta vida.

Cantaria, meu anjo, tudo, tudo

Que o amor propina em beijos delectosos

Mais rubros do que o aroma das magnólias,

E a cor do teu corpete de veludo,

—(;)—

## ESTRELLA D'ALVA

De manhã molhava o orvalho

As suas tranças mimosas ;

Ao vel-a, riam no galho

As suas irmãs—as rosas.

Chegava-se á grade e um raio

De sol beijava-lhe a face ;

Como gostava que em Maio

O astro-rei lhe beijasse !

Era um prazer ! Bem cedinho,

Pé ante pé, de mansinho,

No leito a aurora ia ver.

Depois... o sol se enganava,

E, se dormindo a julgava,

Ella o saudava ao nascer.

CAMPOS PORTO

## SINHA' - VELHA

Amo teus olhos brilhantes,

Teus labios côr de romã,

Teu rosto que tem as cores

Com que se veste a manhã.

Teus labios fallam de amor

Promettem gozos do céu ;

Teu rosto seduz se cobre

Do pudor o casto véu.

Deixa que nos teus olhos

Que brilham com tanto ardor

Vá s'embeber meu olhar,

Pobre mendigo de amor.

Consente pois que em teu rosto

De divinal perfeição

Busque o riso que responde

A' voz do meu coração,

Dá-me um olhar, um sorriso

De amor o riso e o olhar

Que eu, captivo a teus pés,

Saberei sempre te amar.

J. A. GOMES.

—(;)—

## IMPOSSIVEL

Tu queres que eu ria, mas como..... se  
n'alma

Sò tenho amarguras e muito soffrer !

Se a vida eu arrasto de lutas continuas

Se longe não posso de ti mais viver ?

Tu queres que eu ria, mais não compre-  
hendes

Que o riso não deve meus labios tocar ?

E' a chaga pungente, que n'alma se

affunda

Os dias me tornam d'eterno pezar ?

Outr'ora podia sorrir-me ditosa ;

Mas hoje descrente, só devo chorar ;

Agora minh'alma nao tem o socego,

Que alegre e contente já soube gozar

O pranto que verto, no ermo, em silen-  
cio,

As noites que velo por ti suspirando

Me tornam a fronte de rugas sulcada

E fazem que a vida suporte penando

Já vês qu sorrir-me não posso, nem  
devo,

Que magicas só tenho no meu coração,

E os tristes pezares que n'alma se ani-  
nham

Só posso esquecel-os fazendo oração.

JOSEPHINA M. DE SA



## PHILOMENA.

Ha muita coisa da aurora  
No riso de Philomena ;  
Na mulher que a gente adora  
Ha muita coisa da aurora

Fuja-me aos sonhos embora,  
Como travessa phalena,  
Ha muita coisa na aurora  
No riso de Philomena.

— «:» —

## A CAROLINA FERREIRA

Deliro, perco a razão  
Quando te vejo, Nêê.  
Envolta n'alvo roupão,  
Deliro, perco a razão.

Minh'alma prende então  
A's tuas formas um *que*....  
Deliro, perco a razão  
Quando te vejo, Nêê.

P. R.

— «:» —

## OS ENCONTROS

POR

## B. C. DE FARIA

Haverá por ventura cousa mais curiosa do que os encontros?... Não? Pois bem; tomarei para assumpto d'este folhetim, esta parte.

Os encontros têm lugar de dia, de noite, de tarde, de manhã, emfim em qualquer tempo ou hora, e em qualquer lugar...

Todos se encontram: — os amigos, os conhecidos, as creanças, as familias, os namorados, e finalmente os credôres.

Os amigos quando se encontram é logo:

— Vamos ali ao Java? Queres café? Vamos ao Castellões? etc., etc.

Cada vez se estreitam mais as amizades.

Entre conhecidos já não ha tanta liberdade; ha mais acanhamento.

Os conhecidos sómente comprimentam-se e conversam pouco até chegarem a ser amigos, quando estes se encontram é:

— Bom dia!... (tocam reciprocamente na beira do chapéu).

Pouco a pouco vão perdendo a cerimonia e em breve estão amigos.

As creanças, estas encontram-se para contarem suas proezas de casa e do collegio.

## AS FAMILIAS

Isto então?... nem se falla. Quando se encontram, o tempo é pouco para a D. Fortunata perguntar pela saude da D. Josepha, dos filhos e netos; as moças para tratarem de casamentos, soirées, modas, namoros, (risadas e beijos nas occasiões dos encontros).

Apreciemos na rua do Ouvidor:

— O' Anninha, quando vais á Comaitá?

— O Chiquinho, agora anda muito ingrato.

— Sabes á quem elle está namorando?... E a Miloca!.. Ora veja, uma assanhada, uma namoradeira, sem geito, desengaçada,

— Coitada de D. Miloca, gentes meninas — replica a velha, que sympatiza muito com a D. Miloca.

Ha moças que até perguntam, quando se encontram:

Já vistes a *Mascotte*?... aquillo é que é bom! Não é?...

E a *Flôr de Liz*?

Quando a D. Mariquinhas acaba de pronunciar a palavra *liz*, grita a D. Polucena:

— Oh menina?!... Você ouviu seu pai dizer que não quer que se falle n'esse nome?

— Que nome? (pergunta D. Angelica).

— Mas!... pelo que é isto agora? replica D. Custodia.

Ora D. Angelica e muito feia a péça, e elle então nem quer que ella falle no nome.

Esta mesma familia dirige-se ao armazinho do Godinho e agora o vereis, cace-têam os caxeiros a valer.

Sen Ernesto? tem Veloutine,... também quero coldcrem.

Seu Ernesto? nm leque para Anninha, Seu Ernesto isto, Seu Ernesto naquillo.

(*Continúa*).

— «:» —

## IMPORTANTE

## ASSIGNATURAS

Mez . . . . . 200 rs.  
Trimestre . . . . . 600 rs.  
Anno. . . . . 2\$000 rs.

Toda a correspondencia para a nossa folhr deve ser dirigida para o nosso escriptorio á Rua 7 de Setembro n. 143. onde se assigna a dita

— «:» —